

Consciência corporal, imagem corporal e corporalidade na Educação Física: Uma revisão de literatura

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.014-019>

Claudiney André Leite Pereira

Mestre em Desenvolvimento Humano- FVC
Licenciado em Educação Física- UFBA.

Docente do Instituto Federal da Bahia – IFBA.

RESUMO

Nosso objetivo com esse estudo será fazer uma reflexão a partir de uma revisão de literatura sobre como estão presentes os conceitos de consciência corporal, imagem corporal e corporalidade na Educação Física. Embora nas últimas décadas venha se ampliando bastante o olhar sobre o corpo humano, os profissionais de Educação Física ainda são vistos pela sociedade como responsáveis pela performance do corpo, ou seja, aqueles que têm a competência de, através dos exercícios, tonificarem os músculos e deixar os corpos mais saudáveis, diante disto se faz necessário conhecer os valores da sociedade consumo presente nestas relações.

Palavras-chave: Educação Física, Corpo, Consciência corporal, Imagem, Corpolatria.



1 INTRODUÇÃO

Estudando o corpo ao longo da história percebemos o quanto este foi refém de ideologias construídas nos confrontos que envolviam: cultura, religião, política e diversas relações de poder que podemos encontrar na sociedade.

Platão na Grécia Antiga já sinalizava sobre uma política para o corpo, pois acreditava que assim poderíamos formar uma sociedade organizada, nos nossos dias, a busca cada vez maior de uma estética corporal para atendermos aos anseios do mundo moderno tem levado as pessoas a recorrer muitas vezes a usos de substâncias químicas, dietas sem acompanhamento e cirurgias desnecessárias, tendo muitas vezes conseqüências danosas não só físicas como psíquicas. Dentro desta nova ordem da corporeidade os profissionais de Educação Física talvez sejam um dos mais solicitados para adequar os corpos aos padrões do momento, procurando através dos programas de exercícios, deixá-los magros e fortes.

As academias de ginástica representam “o palco” onde assistimos a estes espetáculos de culto ao corpo, da busca do corpo belo, pessoas que em nome da “saúde” buscam aproximar seus corpos ao padrão estético do momento.

Dentro deste quadro é que percebemos a importância do professor de Educação Física como aquele profissional que pode dar sua contribuição ao individuo na busca de uma melhor compreensão da influencia destes determinantes sociais sobre seu corpo.

Entendemos por consciência corporal algo muito maior que a simples percepção sinestésica do corpo no espaço e sim um estado de reflexão que o individuo percebe que seu corpo é fruto de todo um contexto social.

A fim de subsidiar estas discussões sobre o tema é que estudaremos a construção simbólica do corpo ao longo da história e as influencias sofridas por este dentro de um modelo de sociedade capitalista.

A busca por um corpo estético dentro dos padrões contemporâneos e a sedução dos bens de consumo produzidos pelo homem, tem levado as pessoas a um estagio de insatisfação constante onde através de mudanças em seus corpos seja com exercícios, roupas, tatuagens ou técnicas de body mofication¹ procuram suas identidades dentro da sociedade.

Platão quando disse música para alma e ginástica para o corpo, parece deixar clara a importância de um olhar especial para o corpo, e a importância dos exercícios físicos na sua formação. Através da atividade física o homem iria dar forma a seu corpo que teria como significado beleza, saúde, harmonia. Platão acreditava tanto que poderíamos construir uma sociedade perfeita através da Educação do corpo que para cada cidadão deveria executar uma determinada atividade na cidade por

¹ Para Nolasco (2006, p.376) é a compreensão das práticas de modificação corporal compreendendo-as como ações mutilatórias em nome de algumas tradições, ou ainda como patologias do sujeito.

toda a vida.² Na cidade idealizada por Platão, havia aqueles que, por possuírem uma natureza inferior ou uma alma de *ferro ou bronze*, com sensibilidade grosseira e débil, se dedicarão a atividades manuais como a agricultura, o artesanato e o comércio. Aqueles de alma de *prata* possuidores de coragem serão os guerreiros ou guardiões responsáveis pela custódia da cidade. Os de *alma de ouro* serão os melhores e mais notáveis dentre os guardiões, que serão selecionados e instruídos na arte da filosofia; sua função era governar a cidade.

Hoje percebermos uma seleção e uma corrida na busca de um corpo que melhor se adeque ao que é vinculado pela mídia. Edvaldo Couto (2000, p. 246) afirma que

“Por meio desse esforço sedutor de atualização, o corpo passa a ser visto como um objeto aberto, sujeito a muitas influências místicas e tecnológicas. As pessoas querem a todo custo ser jovens, belas e fortes. Buscam-se as garantias, ainda que circunstanciais e efêmeras, que afastem desgastes, físico ou mental, comprometedores da boa forma que se aspira”.

A preocupação com o corpo na caminhada do homem civilizado não se resumia apenas as questões estéticas, já que valores religiosos e de dominação também estiveram presentes. Como já dizia Merleau Ponty (2006, p.122) “O corpo é o veículo do ser no mundo”. Jacques Gelis (2008, p. 19) pontua bem esta questão

“Por estar no centro do mistério cristão, o corpo é uma referência permanente para os cristãos dos séculos modernos. Não foi enviado seu filho a terra, pela anunciação-encarnação, que Deus deu aos humanos uma chance de salvar-se, corpo e alma?”

O corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, ele morreu para nos salvar, seu corpo sangra na cruz representa o ato mais profundo do seu amor pelos seus semelhantes “ele nasceu nesta terra, viveu e morreu consumando no sofrimento sua missão: oferecer sua pessoa à vingança pública e seu corpo a perseguição, para salvar os pecadores” (Idem, 2008, p. 23).

Na Idade Média o corpo era visto com um olhar paradoxal “por um lado, o cristianismo não cessa de reprimi-lo... por outro, ele é glorificado, sobretudo por meio do corpo padecente de Cristo, sacralizado na igreja, corpo místico de Cristo” (LE GOFF, 2003, p.35). A Idade Média é conhecida como idade das trevas, onde sob o domínio da igreja várias práticas corporais foram recriminadas como o esporte, e condutas ligadas à sexualidade foram reprimidas, a purificação do corpo tinha como consequência sua abstinência aos prazeres carnis e o seu sofrimento representa a aproximação com o corpo de Cristo e a salvação diante do senhor.

Talvez a Idade Média seja o nascedouro do corpo como elemento emblemático e representativo de valores históricos determinados socialmente. O sangue é outro elemento do corpo que tinha uma leitura peculiar aos ditames da igreja católica

² A República.



“Cristo é contradição e paradoxo, visto que a prática cristã é fundada sobre o sacrifício de uma vítima santa, mas ensangüentada. De resto, a eucaristia sem cessar esse sacrifício:” Este é meu corpo, este é meu sangue”, diz Jesus a seus discípulos durante a ceia.” (LE GOFF, 2003 p. 39).

Até em relação à sexualidade a Idade Média, definia os papéis do homem e da mulher no movimento dos seus corpos durante o ato sexual “Na cama, a mulher deve ser passiva, o homem, ativo, mas moderadamente, sem arrebatamento” (Idem, 2003 p. 41) O corpo da mulher é colocado em posição de inferioridade em relação ao homem, cabe a este comandar as ações durante o ato sexual, a consciência corporal percebida pela mulher passa a ser a de submissão, dar prazer ao homem é sua função, assim como ficar mais bonita e atraente para o sexo oposto.

Na nossa sociedade moderna por mais independência financeira que as mulheres tenham alcançado elas ainda sentem a importância de ter um homem ao seu lado.

“A busca do parceiro amoroso e sexual sofre dos efeitos que são inaugurados pela relação com o pai. Talvez pudéssemos pensar que uma mulher, de numa certa forma, demanda da relação amorosa muito mais e, ao mesmo tempo, de uma forma bastante difusa do que os homens” (CALLIGARES, 2006, p. 18).

No mundo capitalista o corpo mais do que nunca tem alcançado uma posição de destaque. Enquanto Platão buscava o indivíduo integral através da cultura física e do desenvolvimento intelectual, assistimos nos nossos dias a um desfile de corpos cada vez mais distantes do que podemos considerar de respeito às individualidades. Pessoas buscando cada vez mais se parecer com as outras, modas e comportamentos definidos levando as pessoas a manter um padrão de consumo.

” Na verdade, numa sociedade em que o corpo se tornou um ente tão importante quando outrora fora a alma, é pela aparência física, sobretudo que se comprova aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade. E quando o trabalho de modificação da aparência pode apagar a realidade da idade e das origens sociais, torna-se difícil resistir às propostas da cosmética e das cirurgias plásticas”. (Sant Anna, 2004, p.19).

No século XX, com a afirmação da cultura capitalista, o corpo passa a ter uma importância fundamental nesse processo, através da imposição de padrões de beleza, na necessidade do aumento do consumo a mídia nos oferece uma série de possibilidades para mudarmos nossa imagem corporal.

“A indústria cultural, que explora tendências de comportamento, não poderia deixar de lado o filão dos cuidados com o corpo. Revistas de comportamento, principalmente femininas, desde seus primórdios trazem dicas de beleza como cuidados com a pele e o cabelo, sessões de ginástica, num discurso que busca convencer mesclando argumentos estéticos e técnicos: tornar-se bela e atraente e/ou manter uma vida saudável e sentir-se bem.” (CASTRO 2007, p. 47).

Castro no seu livro **Culto ao corpo e sociedade** faz um estudo com as revistas Boa Forma e Corpo a Corpo de grande circulação em nosso país onde ela constatou toda a construção de um discurso de culto ao corpo por parte destas publicações. “Parece que o culto ao corpo chegou, no início dos anos

80, para ficar e a mídia, como eficiente catalisador de tendências comportamentais, o assimilou rapidamente” (CASTRO, 2007, p. 64).

As construções de modelos de corpos a serem seguidos trazem implicações muito mais profundas que não são observadas apenas pela crítica ao consumo. São seres humanos que seguem padrões de comportamento, buscam seus corpos em outros corpos e perdem assim com o passar do tempo o elemento principal que os tornam únicos no mundo, ou seja, a sua individualidade. Identificamo-nos a partir do que somos e não do o outro quer que eu seja, “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos objetos e empenhar-se continuamente neles” (PONTY, 2006, p. 122). Nossa relação com o mundo é através do nosso corpo, se iremos procurar imagens em outros corpos para nos identificar, não seremos nós a existir, e sim um produto de uma relação híbrida com o corpo desejado.

“Da denúncia do corpo alienado migra-se para a revelação de um corpo obsoleto. Turbiná-lo, aumentar seus níveis performáticos, adaptá-los ao uso de novas tecnologias é desse modo, proporcional ao sonho comum na década de 1960 de retirá-lo da alienação, tornando-o mais verdadeiro e livre. Como se hoje fosse necessário sintonizar os corpos com os objetos tecnológicos e de consumo, enquanto, para inúmeras sociedades antigas, era preciso sintonizar o corpo com o cosmo ou forças sobrenaturais. No entanto, mesmo considerando que aquelas experiências sejam contestadoras diante da top – modelização das aparências, a qual inclui a ditadura da pele lisa e do corpo sem mistérios, por vezes fica a impressão de que elas não escapam completamente da expansão global do totalitarismo fotogênico.” (Sant Anna, 2004, p. 21)

Diante destas questões as pessoas vão construindo suas percepções sobre o próprio corpo que é a do mundo estético das aparências, do imediatismo, que nos conduz ao mimetismo midiático onde seja feliz com o corpo da moda e nos tornando portadores de uma consciência ingênua. Para Merleau Ponty (2006, p. 193).

“A consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo. Um movimento é aprendido quando o corpo o compreendeu, quer dizer, quando ele o incorporou ao seu “mundo”, e mover seu corpo é visar as coisas através dele, é deixá-lo corresponder à sua solicitação, que se exerce sobre ele sem nenhuma representação”

Ter consciência corporal é perceber que os valores hegemônicos presentes na sociedade terminam influenciando a percepção que temos sobre nosso próprio corpo. A partir do entendimento de Merleau Ponty sobre consciência que ela é a chave para percebermos o mundo através do nosso corpo. Se compreendermos as relações presentes no mundo sobre nosso corpo, possamos incorporá-las ou não, o importante é o senso crítico sobre elas.

Esta discussão torna-se importante para a Educação Física à medida que percebemos que qualquer ansiedade, insatisfação com o corpo em relação a sua silhueta, a sociedade vê no professor de Educação Física um dos profissionais responsáveis por esta transformação.



2 CONCEITUANDO: CONSCIÊNCIA CORPORAL, IMAGEM CORPORAL E CORPORALIDADE

2.1 CONSCIÊNCIA CORPORAL

O conceito de consciência corporal que tomaremos como referência no nosso estudo é o do professor Lini Castellani (1988, p.22)

“Consciência corporal do homem é a sua compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo pelos aspectos socioculturais de momentos históricos determinados. É fazê-los sabedor de que seu corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desses “discursos”, bem como de seus determinantes, é a condição para que ele possa vir a participar do processo de construção do seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo”

Como já foi observado na introdução deste texto, que o olhar sobre o corpo ao longo da história sempre foi elemento chave de ideologias que tinham como objetivo principal o controle do corpo. Estes mecanismos do controle também se observam nos nossos dias, quando assistimos uma valorização do indivíduo a partir da sua estética corporal a uma busca pela beleza como aponta Ferreira e Sampaio (2009 p. 123)

“Beleza equivaleria à menor porcentagem de gordura corporal possível, nádegas e seios grandes e empinados, músculos definidos, pele bronzeada, lábios grossos, ausência de celulite, de estrias, de qualquer mancha ou espinha na pele...”

Dentro da perspectiva do professor Lino Castellani, são estes elementos estéticos corporais frutos de uma sociedade de consumo em que precisa a todo o momento produzir sonhos e desejos para que as pessoas comprem o corpo dos seus sonhos nas farmácias, academias, centros de estética etc.

Outros autores procuram buscar o entendimento do “ser” no mundo através do estudo da consciência que também trás elementos importantes para esta discussão para

“A consciência nos é disponibilizada pela natureza como uma faculdade latente em nosso ser, mas para que se manifeste é necessário desperta-la e para desperta-la precisamos desenvolver as nossas qualidades, por exemplo: sentir, pensar, reconhecer, ousar e raciocinar, através das relações que estabelecemos no dia – a- dia, seja com pessoas, seres, pensamentos e/ou sentimentos”. (BARRETO, 2002, p. 04).

A consciência seria então algo inato ao ser humano, mas enclausurada, ou seja, nascemos com ela, mas precisamos das relações que são produzidas nos nossos dias com nossos sentimentos e com os outros. Analisar a consciência corporal dentro desta perspectiva é entender que o corpo é dotado de consciência e que ao atingi-la em sua plenitude o indivíduo poderá definir e compreender melhor sua vida. Já Merleau Ponty (2006, p.193)

“A consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo. Um movimento é aprendido quando o corpo o compreendeu, quer dizer, quando ele o incorporou ao seu “mundo” e mover



seu corpo é visar às coisas através dele, é deixá-lo corresponder a sua solicitação, que se exerce sobre ele sem nenhuma representação”.

Ter consciência é perceber a importância real das coisas para nós, o corpo serve como elo nessa interação com o mundo, consciência corporal então seria a compreensão de que nosso corpo apreende o que é necessário para sua vida, percebo aquilo que tem significado dentro do meu contexto. Já Giovanina (2004 p. 74)

Diz que

“Todo conhecimento – inclusive o de si mesmo – passa pelo corpo. É o corpo que está envolvido no processo de compreender, de recordar, de se individualizar. O corpo traz as marcas de sua história; sonhamos com corpos, projetamos corpos, os arquétipos manifestam-se como corpos.”

Toda compreensão que temos do mundo passa pelo processo histórico de nosso corpo, e nessa relação com o mundo é que produzimos nossos sonhos e desejos, como já foi citado.

Ter consciência do nosso corpo no mundo e fazer-nos entender em que momento estamos agindo de acordo com os condicionantes sociais, em que hora estamos agindo de acordo com a nossa individualidade é esta transição que se faz complexa.

Na busca desta compreensão é que discutiremos outras categorias como: imagem corporal e corporalidade.

2.2 IMAGEM CORPORAL

Os discursos das aparências e imagens do nosso corpo são bastantes presentes nos nossos dias, cuidar do visual, passar uma boa primeira impressão - se não você não terá a segunda chance - são desafios do mundo moderno. Somos julgados pelo que aparentamos, em uma entrevista de primeiro emprego, no trabalho, em uma conquista amorosa, nas ruas etc. sempre estamos preocupados com a nossa imagem exterior.

É através das aparências externas que nos relacionamos com o mundo e criamos nossa realidade. Não importa quem eu sou e sim o que pensam de mim. Nasio (2008, p.21) diz que estas preocupações ocorrem muito cedo em nossas vidas

“Quando a criança percebe que a imagem que ela dá a ver aos outros é a sua imagem no espelho, e que essa imagem não é ela, que os outros só têm acesso a ela pelo que dá a ver com isso ela privilegia as aparências e negligencia suas sensações internas”.

Segundo o autor começam a ser implantados nesse momento na criança os primeiros embriões do narcisismo, quando ela percebe que seu contato com o mundo exterior é através da sua aparência e não dos seus sentimentos internos e verdadeiros.

Alguns conceitos de imagem corporal podem ser extraídos da literatura para Russo (2005, p. 80) “A imagem corporal é a maneira corporal pelo qual o corpo se apresenta para si próprio” mais adiante ele diz que “a indústria corporal através dos meios de comunicação encarrega-se de criar desejos e reforçar imagens, padronizando corpo” (Idem, 2005p. 80) Ou seja, a imagem que temos no nosso corpo é bastante influenciada pelo discurso de consumo produzido pela mídia, onde procuramos uma imagem que melhor se assemelha com o modelo do momento. Dentro deste mimetismo moderno de corpo estamos sempre procurando adequar a nossa imagem ao padrão do momento. .

Somos representados no mundo através do nosso corpo e a todo o momento para Barros (2005, p. 551) “construímos e destruímos nossa imagem corporal. É uma sucessão de tentativas para buscar uma imagem e corpos ideais”. Ou seja, a todo o momento estamos querendo construir novas imagens para nosso corpo, talvez seja por isso que têm dias em que nos achamos bonitos, já outros se pudéssemos não olharíamos no espelho.

Esta questão da imagem corporal é bastante complexa, e outro ponto de vista seria o que é apresentado por Nasio (2008, p.98), “não escolhemos o que somos; somos o que nossos significantes corporais querem que sejamos; somos alienados em relação a uma característica marcante do nosso físico e nada podemos fazer quanto a isso!”, somos marcados pelos traços físicos que nosso corpo nos expõe para a sociedade.

Buscamos uma perfeição corporal estabelecida pela indústria da beleza e quanto mais nos afastamos dela somos punidos por termos traços que divergem desse padrão. Passo a ser uma parte do meu corpo como representação, justamente aquele que me entrega ao banco dos réus dos “deuses do Olímpio” da graça e da beleza. Chama-me de aquele gordinho, aquela baixinha, toda minha representação corporal se encontra em alguns traços da minha silhueta, Nasio (2008, p.99) ainda diz que a imagem corporal está agrupada em três estados do corpo fantasiado

“O corpo sentido, visto e significante. O corpo sentido é o corpo real, seja ele sensível desejante ou regozijante; o corpo visto é o corpo visível em sua forma global, refletido no espelho, projetado numa tela ou percebido em meu semelhante; e, finalmente, o corpo significante é o corpo simbolizado, ele próprio símbolo e, sobretudo, agente de mudanças na realidade do sujeito”. (grifos do autor),

No entendimento destas três imagens achamos melhor transcrever a explicação do autor que nos parece bastante esclarecedora quanto ao seu conceito.

“A imagem do corpo sentido é uma imagem mental inconsciente (protoimagem) que pode ou permanecer inconsciente, ou torna-se consciente, ou ainda exteriorizar-se num agir (imagem – ação). É uma imagem esburacada pela libido e tão fragmentária quanto o corpo crivado de sensações, desejos e gozo ela é o duplo. A imagem do corpo visto, ou seja, a imagem especular, é a imagem de nossa silhueta; imagem tão esburacada pela libido quanto a imagem mental das sensações. Quanto à imagem do corpo significante, ela não é nem inconsciente, nem consciente, nem motora, mas nominativa, o nome sendo o duplo d particularidade física que singulariza determinado corpo”. (Idem,2008, p. 99, grifo do autor)

3 CORPOREIDADE

Etimologicamente a palavra corporeidade é a tradução literal do termo latino *corporalitas*, que, por sua vez, deriva de *corpus – oris*. O dicionário crítico de educação física nos traz uma definição bastante ampla sobre corporeidade

“Corporeidade, numa definição ampla, é uma idéia abstrata de corpo, de ser corpóreo. Este sentido é herança do pensamento grego, expresso no conceito de *soma* ou *somático*. Para os gregos *soma* designa o que é material, especialmente no homem, em oposição à *psique* ou *psíquico*. As culturas latina e cristã reforçam esta significação ao entender a *corporalitas* como aquilo que é de natureza material ou, simplesmente materialidade, radicalmente oposta à espiritualidade. Nesse sentido, portanto, corporeidade diz respeito a tudo que é material, porque todo ser material se manifesta como corpo.” (SANTIN, 2005, p. 103).

A compreensão do corpo pode ser feita sob diversas perspectivas sejam elas biológicas, fisiológicas, sociais, antropológicas, culturais etc. O corpo é um verdadeiro compêndio que dialoga com várias ciências.

O corpo do homem moderno é alvo de estudos minuciosos em nossa sociedade que tem como forma de sobrevivência econômica a relação: produção – consumo- produção, dentro deste ciclo que inicia com o trabalho já existe várias pesquisas que procuram encontrar formas de aumentar de o poder de produção do trabalhador sem lesioná-lo como: a ergonomia, a qualidade de vida no trabalho, estudos sobre o estresse.

No consumo, os modelos de corpos e estilos de vida são alvos principais do marketing dos produtos. Vendas de carro e eletrodomésticos são sempre associadas com mulheres sensuais e famílias felizes respectivamente. Imagens são produzidas a todo o momento nos sugerindo um comportamento do nosso corpo. O corpo é o elo desta cadeia produtiva; para que haja consumo tem que haver o desejo de ter o que me é ofertado.

Entender a corporeidade em nosso mundo moderno é refletirmos sobre a que caminhos essa sociedade nos conduzirá. Para Gionanina Freitas (2004, p.57)

“A corporeidade implica, portanto, a inserção de um corpo humano em um mundo de significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo”.

Refletir o corpo no mundo é considerar também as ideologias presentes na sociedade. O corpo expressa o que a sociedade lhe impõe, ela acaba dando sentido as suas ações a partir de valores pré-estabelecidos.

“O verbo conjugado pelo capitalismo é o “Eu tenho” (cujo corolário, em geral, é “Ele tem mais do que eu.”). Do “Eu tenho coisas.”, passou-se ao “Eu tenho pessoas” (mulher, marido, filhos...) e chegou-se ao “Eu tenho um corpo”, o que na verdade, é um paradoxo, pois significa dizer “Eu tenho a mim.” Talvez esse verbo não seja específico do capitalismo e corresponda a uma tendência humana de acumular coisas e de tratar pessoas como coisas” (Idem, 2004 p.)



Merleau Ponty disse que não temos um corpo e sim somos um corpo, estamos no mundo e nos relacionamos com ele através do nosso corpo, perceber a importância dessa relação é entender que somos dotados de desejos e sentimentos particulares que nos faz: ser únicos no mundo, a minha essência é unidade básica da minha individualidade. Se procuro meu corpo em outros corpos deixo de ser eu mesmo e passo a viver como outra pessoa que não é eu nem meu corpo almejado, seria uma representação de um novo corpo com tantos outros corpos parecidos, estabele-se então um paradoxo.

Nolasco (2006, p. 378) em seu artigo: Body Modification (BM): O corpo e a experiência de si no contemporâneo. Traz elementos importantes para a compreensão da corporeidade no mundo moderno

“As BM podem ser consideradas como tentativas subjetivas de resolver o problema de se viver em um mundo sem corpo, ou ainda, em que a natureza do corpo foi substituída pela máquina... O sujeito, ao modificar seu corpo, busca resgatar-se num lugar onde a experiência de si ainda é indeterminação. Impossibilidade para as sociedades de hoje, nas quais tudo está determinado e definido somente enquanto economia, ou mercado”.

No mundo capitalista as individualidades não são respeitadas e sim a padronização de corpos para melhor selecioná-los dentro da esfera do consumo Como afirma o Prof. Edvaldo Couto (2007, p. 52) “O corpo como objeto de consumo, nas culturas hedonistas e psicologistas, sobrevive da promoção do desenvolvimento pessoal, do bem – estar, da juventude eterna, em formas fúteis e frívolas”. Ainda nesta questão das mazelas produzidas pela sociedade capitalista no entendimento da nossa corporeidade, A Professora Maria Augusta Gonçalves (1994, p.28) diz que.

“A dependência que o homem contemporâneo vive em relação a muitos produtos da moderna tecnologia lhe acentuou a pobreza de vivências em que ele participa de forma imediata, como ser corporal e motriz. A poderosa indústria dos meios de comunicação, ao mesmo tempo que traz ao homem inúmeras possibilidades de aquisição de conhecimentos e novas perspectivas, afasta-o de experiências sensíveis imediatas com o mundo que o cerca”

4 CONSCIÊNCIA CORPORAL E EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física enquanto uma atividade importante para a formação do corpo talvez tenha dado seus primeiros passos na Grécia antiga com Platão.

Durante os períodos das grandes guerras mundiais a Educação Física passa ter como objetivo principal a preparação do homem para o serviço militar. Na necessidade de prepará-lo para o combate, foram desenvolvidos vários métodos com esta perspectiva como o sueco, o alemão e o francês. Nas escolas os garotos já eram preparados para os confrontos militares.

Com o renascimento dos jogos olímpicos (1896) o corpo é visto na Educação Física como elemento que pode unir os povos através do esporte. Para Oliveira (1983, p.44) o Barão de Coubertin “inspirado nos ingleses, pretendia colocar o esporte como elemento da Educação Física. Após



introduzir o esporte no sistema educacional francês, parte para sua grande missão, esta a nível internacional: restaurar os jogos olímpicos”.

A Educação Física no século XX, principalmente nas escolas, começa a aderir ao fenômeno da esportivização, onde o sonho brasileiro de conquistar uma Copa do Mundo de futebol e ser uma potência olímpica passa a ser perseguido pelos seus governantes.

Na sociedade a prática de esportes é vista com bons olhos por todos, como um excelente meio para a promoção da saúde e lazer e para os setores privados como forma de consumo, com bem observa o professor Valter Bracht (1997, p.87).

“Podemos captar a transformação que vem ocorrendo no plano da cultura corporal de movimento, e aí incluído o esporte, principalmente nas três últimas décadas, com o conceito de comercialização/mercantilização ou então mercadorização do esporte. E não estamos nos referindo aqui somente ao processo mercadorização no âmbito do esporte de alto rendimento ou espetáculo, o que é bem evidente. Referimo-nos à penetração da lógica do mercado no âmbito das atividades físico – esportivas de lazer, realizadas (consumidas) por camadas cada vez mais ampla da população”.

Constrói-se então na sociedade a consciência do corpo forte e ágil a partir da prática de esportes e a saúde como responsabilidade do indivíduo, ou seja, pratique esporte e tenha um corpo dinâmico e saudável.

Por volta da década de 30 começa no mundo do trabalho a surgir novas exigências com o corpo, não basta só à força física, ou seja, essa já nem tem tanta importância e sim a capacidade intelectual, que segundo Junior (2009, p.113) “A partir da década de 1930 começa haver uma mudança na forma taylorista de enfatizar o corpo como o principal ponto de disciplina com o surgimento de estudos e preocupações com a questão do trabalho mental.”.

Na década de 70 os estudos do Dr. Kennedy Cooper sobre a importância das atividades físicas aeróbias para a saúde, começam a ter grande popularidade sobre os benefícios dos exercícios cíclicos para o coração.

A Educação Física neste novo contexto deixa de ser aquela área do conhecimento que trata do corpo apenas para prepará-lo para guerra ou trabalho e ganha novas possibilidades epistemológicas. Como propõe Moreira (1995, p.101)

“O corpo – objeto da Educação Física ceda lugar para o corpo sujeito da Educação motora; o ato mecânico no trabalho corporal da Educação Física ceda lugar para o ato da corporeidade consciente da Educação Motora; a busca frenética do rendimento da Educação Física ceda lugar para a prática prazerosa e lúdica da Educação Motora; a participação elitista que reduz o número de envolvidos nas atividades esportivas da Educação Física ceda lugar a um esporte participativo com grande número de seres humanos festejando e se comunicando na Educação Motora; o ritmo padronizado e uníssono da prática de atividades físicas na Educação Física ceda lugar ao respeito ao ritmo próprio executado pelos participantes da Educação Motora”.

Observamos que novas perspectivas são apontadas para a Educação Física, em outras abordagens encontraremos também visões diferenciadas no trato do corpo nas suas respectivas práticas.

Alguns entendem a Educação Física como uma ciência que tem como objetivo o incentivo a práticas de exercícios na promoção da saúde e percebem a consciência corporal, mas como uma visão sinestésica do corpo no espaço, onde devemos observar nossa postura para não termos comprometimento no sistema músculo-esquelético.

O professor Dartagnan Pinto Guedes no seu livro exercício físico na promoção da saúde, entende que existam algumas valências que físicas que quando trabalhadas possam dar uma boa contribuição na manutenção da saúde como: capacidade cardiovascular, força, resistência muscular e flexibilidade.

“Fazem parte da aptidão física relacionada à saúde aqueles componentes que apresentam relação diretamente proporcional ao mesmo estado de saúde e, adicionalmente, demonstram adaptações positivas à realização regular de atividade física e de programas de exercícios físicos”. (GUEDES, 1995, p.19)

O corpo no século XXI tem encontrado nas mais diversas ciências estudos em que visam a sua compreensão “ou alienação” colocando-o assim no centro de vários debates: corpo cultura, corpo saúde, corpo estético, corpo consumo, corpo trabalho, corpo religião etc., e os estudos da consciência corporal seguem de certa forma essa lógica. Outro teórico que também traz sua contribuição nesta questão da consciência corporal é o professor Regis de Moraes (2003, p.74) que entende que a consciência corporal começa nos movimentos.

“Nos movimentos hábeis de dançarinos e desportistas tem-se a primeira tem-se a primeira percepção dos recursos corporais em termos de um multidirecionamento de ação e de uma sutileza de expressões que evidenciam, no corpo, uma estruturação e uma dinâmica dotadas de capacidades quase ilimitadas. A sabedoria das articulações ósseas e das disposições musculares faz-nos encontrar uma inteligência que caracteriza cada pequena ou grande parte do corpo que estudemos; falando-se apenas de aspectos macroscópicos da realidade corporal, basta determo-nos na configuração e nos movimentos das mãos para que o deslumbramento tome conta de nós.”

A indústria do consumo procura criar desejos para estimular as pessoas a comprar. Começa a estabelecer posições de status social de acordo: com o que se veste, come, anda e etc., cria certas marcas de roupa que colocam seus usuários em posição de destaque, elegem-se bares ou locais da moda, que são freqüentados por ditos intelectuais, ou quem tem dinheiro, algumas festas nascidas no meio da população mais pobre (festa do Bonfim) têm seu similar para os ricos (Bonfim light). Para Mike Featherstone (1995, P.123)

“Os novos heróis da cultura de consumo, em vez de adotarem em estilo de vida de maneira irrefletida, perante a tradição ou hábito, transformam o estilo num projeto de vida e manifestam



sua individualidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, roupas, práticas, experiências, aparências e disposições corporais destinadas a compor um estilo de vida”.

Estas mensagens estão presentes nos comerciais, nas vitrines das lojas, nas revistas, ou seja, em praticamente em todos os lugares em que estamos. A própria Educação Física através do esporte reforça certas posturas estereotipadas do corpo como mostra o Professor Belarmino Costa: (2006, p. 196)

“O esporte de massa, e com ele a construção de personagens e de imagens que celebram o ideal humano de superação, beleza e autocontrole, tal como apropriado pela indústria cultural, representa uma extensão da lógica racionalizadora do mercado”.

O que observamos dentro desta problemática são pessoas vivendo em eterno conflito, onde seus desejos são confrontados com os que são produzidos pela sociedade de consumo. Corpos que correm na orla, corpos nos corredores dos shoppings, corpos que caminham para o trabalho, corpos que se buscam nos espelhos produzidos pela sociedade. Será que temos consciência do porque dessa movimentação? E o que procuramos com ela?

O que sabemos é que cada vez mais as pessoas estão sofrendo com a solidão, a depressão e sentimentos de incapacidade, frutos de uma sociedade que valoriza o efêmero e as constantes mutações nos levando a uma sensação que todo está passando rápido demais e que devemos aproveitar o máximo e terminamos sem aproveitar nada, se nem sabemos o que queremos! Couto (2000, p. 248) define muito bem esta relação no mundo moderno.

“Na cultura eletrônica tudo precisa ter seu ritmo acelerado. A sofisticação da sociedade das tecnologias comunicacionais e informacionais legitima a espiral da multiplicidade. Ela é o cerne de um universo que sobrevive da veloz circulação, incessante e fragmentada, de todas as informações, imagens e cânones. Ela oferece ao homem o prazer de ultrapassar a lentidão, o acanhamento das disposições físicas e das operações tradicionais da lógica humana. Tornou-se imperativo viver em estado de urgência”.

A consciência corporal na Educação Física apresenta-se em diversas linhas de pensamento, a autores que entendem que algumas técnicas de trabalhos corporais como: yoga, alongamento, tai chi chuan. A professora Flávia Alves (2008, p. 366) em um de seus trabalhos com este tema chega a seguinte conclusão.

“Os trabalhos com o toque e a confiança deram uma dimensão à consciência corporal na relação que se estabeleceu com o outro, no entanto, era preciso alcançar uma outra dimensão da consciência corporal, partindo da relação do corpo consigo mesmo.”

O corpo é na Educação Física seu objeto genuíno de estudo, quando Platão Dizia “música para alma e ginástica para o corpo” naquele momento se estabelecia um “decreto” que o exercício para o corpo é algo necessário para a totalidade da formação do individuo.



5 CONCLUSÃO

A busca pela aceitação social leva as pessoas a agirem de forma inconsciente diante do que realmente desejam, e acaba associando ser belo, ser desejado e feliz com estereótipos corporais.

Ao construirmos uma imagem para o corpo não é apenas o visto que é moldado. Na lei do marketing a imagem de um produto tem que ser associada a sua qualidade e eficiência.

Ao buscarmos um corpo magro e torneado estamos passando a imagem de seres produtivos, dinâmicos, sensuais e desejados

A Educação Física que tem como objeto de estudo o corpo em movimento, se faz necessários que seus profissionais reflitam sobre uma perspectiva crítica os conceitos que foram discutidos neste estudo afim de possam ter uma prática mais reflexiva que atenda melhor a sociedade.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Flávia S.O despertar da consciência corporal: um desafio para o futuro profissional de Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, v. 14, n. 3, p. 361-370, jul/set. 2008.
- BARRETO, Maribel. O papel da consciência em face dos desafios atuais da educação. 1ª ed. Salvador: Sathyarte, 2005, p 82.
- BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Vitória: UFES, 1997, 129 P.
- CALLIGARIS, Eliana R. Prostituição: O eterno feminino. São Paulo: Escuta 2006, p.79
- CASTRO, Ana I. Culto ao corpo e sociedade: Mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007, p.148.
- CODO, Wanderley; SENNE, WILSON A. O que é corpo (latria). 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.86
- COSTA, Belarmino C. G. Corpo, mediação tecnológica e desumanização. *In: MOREIRA, Wagner W. (Org) Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas: Papirus, 2006, p.183 – 203.
- COUTO, Edvaldo C. Uma estética para corpos mutantes. *In: _____*.
Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d) eficiências corporais. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 43 – 56.
- _____. O homem satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2000, p. 292
- FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós – modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995, 223 p
- FILHO, Lino C. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988, p. 232.
- FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. *In: COUTO, Edvaldo C.(Org.); GOELLNER, Silvana V. Corpos mutantes : ensaios sobre novas (d) eficiências corporais*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 75 – 87.
- FREITAS, Giovanina G. O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. 2. ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004, 96 p.
- GONÇALVES, Maria A. S. Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994, 196 p.
- GONZÁLEZ, Jaime F; FENSTERSEIFER, Paulo E. Dicionário crítico de educação física. Rio Grande de Sul: Unijuí, 2005.
- GÉLIS, Jaques. O corpo, a igreja e o sagrado. *In: VIGARELLO, Georges. (Org.) História do corpo V.1*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.19-130.
- GUEDES, Dartagnan P.; GUEDES, Joana E.R.P. Exercício físico na promoção da saúde. Londrina: Midiograf, 1995, 137 p.



JUNIOR, Carlos H. Do corpo – motor ao corpo – informação: corporeidade e trabalho no capitalismo. CBCE, Campinas, v. 2, p.107-121, janeiro 2009.

KRUPPA, Sonia M. P. Sociologia e Educação. São Paulo, 1994, 155p.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma historia do corpo na idade média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 207 p.

MELO, Vitor A. Historia da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectiva. 2. Ed. São Paulo: IBRASA, 1999, 115 p.

MERLEAU – PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 662 p.

MORAIS, Regis. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. *In*: MOREIRA, Wagner W. (Org.). Educação física e Esportes: Perspectivas para o século XXI. 10. ed. Campinas: Papyrus, 2003, p. 71-87.

NASIO, Juan D. Meu corpo e suas imagens. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.180.

NOLASCO, Sócrates A. Body Modification (BM): o corpo e a experiência de si no contemporâneo. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. VI n. 2 p. 281-299 set. 2006.

OLIVEIRA, Vitor M. O que é educação física. 7. ed. São Paulo: brasiliense, 1988, 113 p.

OS PENSADORES. São Paulo: Nova cultura, 2000.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, p. 80-90, jan./jun. 2005.

SAMPAIO, Rodrigo P.A; FERREIRA, Ricardo F. Beleza, identidade e mercado. Psicologia em revista, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 120-140, abr. 2009.

SANT'ANNA, Denise B. É possível realizar uma história do corpo. *In*: SOARES, Carmen. (Org.) Corpo e História. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001, p.3-23.

SILVINO, Santin. Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2. ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2003, 167 p.

TOJAL, João B. Corpo ativo e preparação profissional. *in*: MOREIRA, Wagner W.(Org.) Século XXI. A era do corpo ativo. Campinas: Papyrus, 2006, p. 235-253.